



**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E
GINÁSTICA PARA TODOS:
CONTRIBUIÇÕES À FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

**EXTENSIÓN UNIVERSITARIA Y
GIMNASIA PARA TODOS:
CONTRIBUCIONES A LA FORMACIÓN PROFESIONAL**

**UNIVERSITY EXTENTION
ACTIVITIES AND GYMNASTICS FOR ALL:
CONTRIBUTIONS TO PROFESSIONAL QUALIFICATION**

*Lígia Zagorac Bahu¹,
Michele Viviene Carbinatto¹*

RESUMO

As universidades possuem em seu cerne as atividades de ensino, pesquisa e extensão que, indissociáveis, devem primar pela boa formação do futuro profissional e pela produção e divulgação de saberes científicos. No âmbito da extensão, os projetos devem atender não apenas aos interesses da comunidade, mas também às competências necessárias ao graduando monitor/estagiário. Pautado na análise bibliográfica e em entrevistas semi-estruturadas realizadas com oito monitores/estagiários do projeto "GYMNUSP: Escola de Ginástica", - por sua vez, analisadas pela análise de conteúdo - este artigo versa sobre as percepções oriundas da experiência em um projeto de extensão em ginástica pautado nos princípios da ginástica para todos. Os resultados explicitaram que, para além dos benefícios financeiros e relacionados ao cumprimento de estágios, os monitores/estagiários consideraram o projeto de extensão importante para o contato com a prática profissional e com o público de atuação (no caso, infante-juvenil), para a ampliação de campos de prática (ginástica), para melhor compreensão da organização de aulas e da atuação didática e para inserção no ambiente esportivo, por meio da participação em festivais.

PALAVRAS-CHAVES: Ginástica para todos. Ginástica. Monitoria. Tutoria.

ABSTRACT

Universities have at its ideology the inseparable activities of teaching, research and extension. They must strive for good education for the future professionals and for the production and dissemination of scientific knowledge. About extension, projects must meet not only the community interests, but also the professional skills needed by the trainee. Using literature review and semi-structured interviews with eight trainees from the "GYMNUSP: Gymnastics School" - analyzed by content analysis - this article is about perceptions arising from the experience in an extension project in gymnastics guided by the principles of gymnastics for all. The results made explicit that, in addition to benefits like financial and that related to participation in trainee programs, the trainees considered the extension project important for the contact with professional practice and the public of action (in this case, children and youth), for the expansion work possibilities (gymnastics), for better understand the organization of classes and teaching activities and for inclusion in the sports environment, through participation in festivals.

¹Universidade de São Paulo - USP, São Paulo – Brasil.

Contato: ligia.bahu@usp.br

Submetido em: 30 mar. 2016 **Aceito em:** 15 jul. 2016



KEYWORDS: Gymnastics for all. Gymnastics. University's trainee program. Mentoring.

RESUMEN

Las universidades tienen en su núcleo la enseñanza, la investigación y la extensión, inseparables, y debe esforzarse para la buena formación de los futuros profesionales y para la producción y difusión del conocimiento científico. En la extensión, los proyectos deben llegar no sólo el interés de la comunidad, pero también ayudar en la adquisición de las habilidades profesionales necesarias del monitor/aprendiz. Por intermedio de revisión bibliográfica y entrevistas semiestructuradas con ocho monitores/aprendices del proyecto "GYMNUSP: Escuela de Gimnasia" - a su vez analizadas por análisis de contenido - este trabajo es acerca de las percepciones derivadas de la experiencia en un proyecto de extensión en gimnasia guiados por los principios de la gimnasia para todos. En los resultados se hace explícito que, además de los beneficios financieros y relacionados con el cumplimiento de prácticas profesionales, los monitores/aprendices consideran el proyecto de extensión importante para el contacto con la práctica profesional y el público (en este caso, los niños y los jóvenes), para la expansión de los campos de actuación (gimnasia), para comprender mejor la organización de las clases y las actividades de enseñanza y para su inclusión en el entorno deportivo, a través de la participación en festivales.

PALABRAS CLAVE: Gimnasia para todos. Gimnasia. Monitoreo. Tutoría



INTRODUÇÃO

A universidade está longe de ser um local voltado somente à transmissão de conhecimento. Conforme defendido por Darcy Ribeiro (1922-1997), ela detém o poder de influenciar e guiar o desenvolvimento, constituindo uma instituição social de caráter indispensável para a evolução da região em que está inserida.¹ O saber/fazer universitário, no que tange aos programas de graduação, divide-se em três frentes principais: o ensino, a pesquisa e a extensão.

Na visão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) da Universidade de São Paulo (USP), a extensão busca a sintonia entre valores acadêmicos e expectativas da comunidade. Para a instituição, a extensão seria um serviço em prol da sociedade, uma vez que colabora na transmissão do conhecimento adquirido de dentro para fora de seus muros.²

Para além dos ganhos sociais, acreditamos que a vivência de estudantes de graduação em projetos de extensão, seja como monitores ou estagiários, deva ser estimulada, o que auxiliaria em seu desenvolvimento educacional e profissional para além das disciplinas curriculares, constituindo assim importante caráter complementar durante os anos de formação superior.

Nosso trabalho tem como objetivo compreender a influência da extensão na formação superior do aluno de graduação em Educação Física e Esporte, por meio de entrevistas a monitores e estagiários que participaram do projeto intitulado “GYMNUSP: Escola de Ginástica”, iniciado no primeiro semestre de 2015 na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP). Paralelamente, busca-se traçar um perfil do graduando participante e avaliar o projeto em questão por meio das opiniões coletadas, visando seu aprimoramento.

OBJETIVOS

Refletir sobre a relação entre extensão universitária e formação profissional, por meio da análise de discurso de graduandos participantes do projeto “GYMNUSP: Escola de Ginástica”, da EEFE-USP.





METODOLOGIA

Este artigo é essencialmente pautado em pesquisa qualitativa e organizado em dois momentos. O primeiro deles constitui uma análise bibliográfica sobre a relação entre universidade e extensão universitária, a formação profissional e a ginástica. No segundo momento é realizada a coleta de dados, por meio de entrevistas com perguntas abertas e roteiro semi-estruturado, que foram gravadas e transcritas na íntegra.

Utilizamos a técnica da análise de conteúdo³ para analisar os dados. Dentre seus diversos domínios de aplicação, optou-se pelo cunho linguístico oral e comunicativo dual (de diálogo). A análise de conteúdo focalizou-se na modalidade temática, que compreende três etapas:

- a. Pré-análise: fase de transcrição das entrevistas realizadas, com surgimento de possíveis hipóteses a serem discutidas posteriormente;
- b. Exploração do material: fase de codificação dos dados, com inicial seleção de informações e dados mais relevantes; e
- c. Categorização: organização das informações em categorias que, por sua vez, organizam-se em unidades de registro (temas recorrentes dentre os dados coletados) e unidades de contexto (seleções de discursos coletados que confirmam as unidades de registro).

Como critério de inclusão foram considerados os alunos de graduação da EEFÉ-USP, bem como do curso de Educação Física e Saúde da Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), que participaram por, pelo menos, um semestre no Curso de Extensão Universitária “GYMNUSP: Escola de Ginástica”. Os alunos atuaram como monitores e/ou estagiários (de caráter obrigatório ou não-obrigatório). Como forma de preservar sua identidade, cada um deles será denominado individualmente “sujeito” (S), acompanhado de um número, referente à ordem na qual as entrevistas foram realizadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A universidade e o surgimento do conceito de extensão universitária

Historicamente, a organização do ensino superior do Brasil recebeu influências e amarrou-se às concepções portuguesas de colonização.⁴ Ao contrário dos demais países da América Latina, dependíamos da formação superior ofertada pelas Universidades de Coimbra e Évora,



ambas de Portugal. Nos primeiros três séculos de colonização o reinado manteve a centralidade da formação da elite brasileira, que possuía condições de ir e de enviar os filhos a Europa.⁵

As mudanças começam a ocorrer com os colégios jesuítas e seminários religiosos, cujo ensino da teologia talvez pudessem se igualar ao de uma universidade.⁶ Com a instalação da corte portuguesa no Brasil, em 1808, ocorreram avanços no âmbito acadêmico, ainda com uma limitação nos cursos disponíveis. As graduações ofertadas voltavam-se basicamente à preocupações higienistas e militares, com estímulo à formação de oficiais e de engenheiros civis e militares, bem como profissionais especializados em cirurgia, anatomia e obstetrícia. Os cursos possuíam caráter técnico e acrítico, ao encontro do intuito dos colonizadores, que viam nos mesmos uma possibilidade de controle de todo um estado.⁷

Foi apenas no século XX, mais precisamente entre os anos de 1920 a 1945, que o Brasil passou por um importante processo de industrialização e urbanização, o que alterou as demandas sociais e à universidade.

Em 1931, após árduos embates sobre o conceito de universidade na Associação Brasileira de Educação (ABE), consubstanciou-se o Estatuto das Universidades Brasileiras que, além de defender sua expansão e autonomia em relação ao governo, instigou, em 1932, a resposta de intelectuais através do Manifesto ao Povo e ao Governo, para que no Brasil se findasse “verdadeiras” universidades. Azevedo^{8: 74} nos aponta que este foi um importante momento para a entidade, que passou a ser defendida

numa tríplice função de 'criadora' de ciências (investigação), docente ou transmissora de conhecimentos (ciência feita) e de vulgarizadora ou popularizadora, pelas instituições de extensão universitária, das ciências e das artes. (destaque do autor)

Posteriormente, em 1961 a União Nacional dos Estudantes (UNE) organizou o I Seminário Nacional de Reforma Universitária que apontava as seguintes diretrizes ao ensino:

- a. democratização da educação em todos os níveis;
- b. abertura da universidade ao povo, através da extensão universitária e dos serviços comunitários;
- c. articulação com os órgãos governamentais, a transformação da universidade como local de reivindicações populares em prol da melhoria do país.



Somado ao Ato Institucional n. 5 (AI-5), em 1968, constituiu-se um Grupo de Trabalho (GT) para estudar a reforma da Universidade Brasileira, no qual se confirmou a função da universidade com a tríplice entre ensino, pesquisa e extensão.

Atualmente, defende-se o conceito de universidade - independente se estatal, federal ou privada, de cunho mercantilista ou empresarial⁹ - como *lócus* de destaque na crítica e transformação social, responsável pela sistematização do conhecimento que já foi acumulado pela humanidade, pela socialização do saber e pela produção de novos saberes.¹⁰

Dentre o tripé ensino, pesquisa e extensão, focaremos nossa discussão na extensão universitária. A legalidade das ações extensionistas ocorreu em 1987, concomitantemente com a criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), em que um novo conceito de extensão foi pactuado:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da *praxis* de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento.¹¹

Em parceria com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), criou-se, em 1993, o Programa de Fomento à Extensão Universitária (PROEXTE), em que o financiamento da extensão e a elaboração teórico-conceitual de suas atribuições foram definidas.¹²

Por fim, é definido que a extensão universitária, pelo viés da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um “processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade”.¹³

A extensão em ginástica na EEFE-USP

A EEFE-USP foi criada em 1934, constituindo a primeira instituição civil da área de Educação Física em nosso país. Inicialmente como instituto isolado, foi integrada à USP em 1969 e, no decorrer da história, passou por diversas mudanças, do âmbito físico ao acadêmico.



Atualmente, a EEFÉ-USP possui três cursos de graduação, quais sejam: a Licenciatura em Educação Física, o Bacharelado em Educação Física e o Bacharelado em Esporte. Destaca-se na produção de pesquisas científicas na área, obtendo a avaliação máxima pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no curso de pós-graduação *strictu sensu*, mestrado e doutorado.

Em relação à extensão universitária na entidade, mais especificamente sobre a ginástica – foco deste artigo – nota-se que ocorreram 34 ações, dentre cursos (de especialização, de atualização, modular de difusão cultural e comunitário) e eventos (torneios, palestras, seminários).

Rocha¹⁴ destaca que o início das atividades extensionistas em ginástica se deu na década de 60 do século passado, de forma concomitante com as discussões observadas no decorrer histórico sobre essa atividade. O destaque na EEFÉ-USP foi na década de 1980, quando 13 atividades foram ofertadas, com destaque para a Especialização em Ginástica Olímpica (denominação dada na época para a ginástica artística), cuja assertiva era a formação de técnicos para atuarem na área da formação de atletas desta modalidade.

Em 2015, organizou-se o “GYMNUSP: Escola de Ginástica”. Esse projeto extensionista é resultado da ação da docente da EEFÉ-USP Profa. Dra. Michele Viviene Carbinatto, que propõe ações em ginástica no tripé universitário, conforme explicitado no Quadro 1:

Quadro 1 - GYMNUSP: Escola de Ginástica **GYMNUSP**

Ensino	Pesquisa	Extensão
Disciplinas na Graduação em Esporte: Ginástica Artística; Pedagogia do Esporte; Ginástica Para Todos	Grupo de Estudos em Ginástica; orientação de monografias, iniciação científica, mestrado e doutorado	Escola de Ginástica para Crianças de 6 a 15 anos; Escola de Ginástica no contra turno escolar da Escola de Aplicação para o Ensino Fundamental I; Grupo Ginástico da USP (adultos)

O “GYMNUSP: Escola de Ginástica” visa ofertar vivência dos fundamentos da ginástica, pautando-se na Academia da Federação Internacional de Ginástica (FIG), com aportes nos padrões básicos de movimentos de Russell e Kinsman,¹⁵ como as suspensões, rotações, equilíbrios, apoios, deslocamento, dentre outros. São utilizados materiais de pequeno e



grande porte durante as aulas, que podem ser tanto tradicionais de competição de ginástica (como bola, arco, maças, paralelas, trave), quanto não-tradicionais, adaptados e/ou construídos (step, bola de pilates entre outros).¹⁶

Como resultado do trabalho, o “GYMNUSP: Escola de Ginástica” nutre duas perspectivas: em um semestre é organizado um festival com influência de séries gímnicas do evento de massificação da Federação Paulista de Ginástica, o Troféu São Paulo; no outro semestre o festival tem característica pautada em processos coreográficos, com aportes nas fases da criatividade propostas por Knellern¹⁷ e da ginástica para todos.¹⁸

A Escola de Ginástica atende alunos de 6 a 15 anos e tem periodicidade semestral. Foram atendidas 14 crianças no primeiro semestre de 2015, 23 no segundo semestre de 2015 e, atualmente 25 crianças. Além da docente supracitada, o projeto é supervisionado por um educador da EEFÉ-USP (profissional formado em Esporte) com treinamento em primeiros socorros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos resultados obtidos foi possível elencar duas categorias principais:

1. dos motivos que levaram os alunos a optarem por participar em monitoria/estágio; e
2. das percepções sobre a monitoria/estágio em ginástica.

No primeiro aspecto, foram detectadas as subcategorias:

- 1.1 atividades de ensino;
- 1.2 praticidade;
- 1.3 contato com o público;
- 1.4 abertura de possibilidades para atuação futura;
- 1.5 vivência;
- 1.6 melhor compreensão da organização de aulas e atuação didática;
- 1.7 aspectos financeiros;
- 1.8 necessidade de cumprir horas de estágio;
- 1.9 interesse na modalidade.



No segundo aspecto, foram identificadas as subcategorias:

- 2.1 demandas da atuação;
- 2.2 aspectos técnicos;
- 2.3 inserção no ambiente ginástico e esportivo;
- 2.4 características da turma;
- 2.5 percepção da atuação ao longo da monitoria;
- 2.6 tutoria docente.

No Quadro 2 apresentamos o perfil dos entrevistados:

Quadro 2 - Perfil dos entrevistados

Sujeito	Idade	Curso de graduação	Tempo na Escola de Ginástica	Experiência anterior em ginástica	Experiência anterior principal	Experiência anterior em outra monitoria	Perspectiva para o futuro profissional
S1	29	Esporte	1 semestre	Nível formativo	Esportes coletivos, principalmente basquete	Saúde e Bem-Estar na Obesidade	Ser técnica de basquete
S2	21	Esporte	1 semestre	Nível formativo	Esportes coletivos- futebol, basquete; Lutas – judô, karatê	Curso de Educação Física para Adultos	Gestão esportiva
S3	21	Esporte	1 semestre	Nível intermediário	Ginástica, natação	Natação para a Comunidade; Saúde e Bem-Estar na Obesidade	Ginástica
S4	22	Educação Física e Saúde	1 semestre	Não	Futebol, voleibol, pólo aquático	Natação Inclusiva	Natação ou outra atividade física para pessoas com deficiência
S5	21	Licenciatura em Educação Física	2 semestres	Não	Dança de salão, dança contemporânea	Não	Educação física escolar; dança
S6	19	Núcleo comum EEFE-USP (ainda não optou pelo curso)	2 semestres	Não	Tênis, rugby, crossfit	Não	Pessoas com deficiência; alto rendimento
S7	21	Bacharelado em Educação Física	1 semestre	Não	Natação, taekwondo	Educação Física para Adultos com Comprometimento Neurológico; Reabilitação; Natação Inclusiva	Pessoas com deficiência
S8	22	Bacharelado em Esporte	1 semestre	Não	Futebol, taekwondo	Natação Para a Comunidade; Natação Inclusiva	Educação física escolar; pessoa com deficiência; taekwondo; ginástica

A partir de 2016, as monitorias na EEFE-USP passaram a ser consideradas como estágios, com o intuito de adequar a participação com a legislação vigente e de acordo com o estatuto



da Universidade de São Paulo. Por esse motivo, trataremos a atividade de extensão “GYMNUSP: Escola de Ginástica” como uma monitoria/estágio ao longo do texto deste artigo.

Motivos para inserção na monitoria/estágio

Quando questionados sobre o porquê de optarem pela realização de monitorias/estágios em geral e, especificamente, em ginástica, os respondentes levantaram diversos motivos. Para alguns, o fator determinante foi o ensino, por meio do contato com a ginástica na disciplina EFE0268 – Ginástica Artística. Para outros, o principal motivo foi a praticidade, uma vez que as monitorias/estágios eram realizados na própria EEFÉ-USP, de forma a conseguirem um equilíbrio entre os horários de participação e os reservados às disciplinas da graduação. Outros motivos citados foram: contato com o público, abertura de possibilidades profissionais, vivência, intento de compreender melhor a prática e a organização de aulas, a existência de ajuda de custo/bolsa, necessidade em cumprir horas de estágio e interesse na modalidade.

A seguir, apresentamos cada um dos motivos apresentados pelos monitores/estudantes dentro das subcategorias supramencionadas:

Atividades de ensino (1.1)

Muitas vezes o primeiro contato prático com certas modalidades esportivas se dá por meio da participação nas aulas de graduação. Por meio das entrevistas, verificamos que a vivência da ginástica em sala de aula estimulou alguns estudantes a conhecer mais sobre a modalidade, ou mesmo a relembrar a sensação de praticar padrões motores explorados somente na infância, gerando interesse na monitoria/estágio. Quando questionada sobre o motivo que a fez buscar uma monitoria, S1 declarou: *“porque eu tô tendo... a aula, de Ginástica, e eu sempre gostei.”*. S8 menciona, além da disciplina, a participação na organização do SIGARC como motivante: *“Até achei interessante, porque eu já tinha feito as aulas de ginástica, já tinha participado já do SIGARC do ano passado, na parte da organização, então não é uma coisa 'nova' pra mim, do zero”*.

Um exemplo prático onde essa “conversa” entre ensino e extensão foi bastante aproveitada ocorreu na UNICAMP, com a abertura na mesma época de um projeto de extensão e de uma



disciplina eletiva que focam atividades circenses.¹⁹ Na mesma linha, a atuação do GYMNUSP de modo simultâneo no ensino, na pesquisa e na extensão parece favorecer uma experiência integrada e complementar do estudante na ginástica. Uma forma de aumentar a interação entre esses diferentes pilares seria o estímulo à discussão de aspectos interdisciplinares na monitoria/estágio, pois sabemos que no ambiente de prática diferentes conteúdos, como os biomecânicos, os fisiológicos e os psicológicos se mesclam e interagem concomitantemente.

De acordo com um estudo realizado por Nunomura e Oliveira,²⁰ um dos motivos pelo qual profissionais da área de ginástica artística optaram pela carreira foi a motivação recebida pelos docentes durante a graduação, “o que demonstra o impacto do meio acadêmico sobre as decisões futuras dos alunos.”

Contudo, muitos técnicos de ginástica artística não consideram a graduação como o caminho que lhes foi mais eficiente no aprendizado da área devido, principalmente, à sua pequena carga horária.²¹ Em estudo realizado por Schiavon et al.²² constatou-se que: “para intervir na lacuna deixada pelos cursos de graduação, cada vez mais os profissionais buscam aprimorar sua formação, especialmente no que se refere aos conhecimentos específicos para uma melhor atuação”. A extensão universitária, assim, poderia ser uma interessante ferramenta complementar no desenvolvimento profissional.

Praticidade (1.2)

Para Otoñon Barragán et al.,¹⁹ apesar da necessidade que o futuro profissional de Educação Física possui em qualificar-se para assumir aulas práticas, muitas vezes os estágios e outros momentos destinados à aquisição de conhecimentos de caráter prático são poucos, além de acabarem por vezes não sendo vivenciados com seriedade, atenção e dedicação adequadas.

O caráter diurno dos cursos de Educação Física e Esporte da EEFÉ-USP, com aulas de manhã e a tarde e janelas que variam a cada semestre, acabam influenciando na disponibilidade dos estudantes para a realização de estágios, que por vezes encontram na monitoria/estágio a solução para equilibrar seus compromissos com a graduação e a necessidade de adquirir experiência prática, fato devidamente informado por S2: “foi um semestre em que eu percebi que eu tinha poucos... poucos horários, e eu tinha que começar a fazer estágio” e S1: “eu



acho que o bom da monitoria é que como a gente tem um curso... integral, em que você tem poucas janelas, o fato de você estar aqui já ajuda bastante".

Contato com o público (1.3)

Segundo Araújo,²³ as demandas da formação e atuação profissional devem ser consideradas na elaboração de estudos sobre extensão e para as ações da universidade. Para tornar-se capaz de ministrar aulas práticas, é interessante que o profissional em Educação Física ou Esporte tenha contato com diversos públicos em sua formação. Dentre os entrevistados, S1 relatou que o contato com o público foi um dos aspectos motivadores para a participação em monitoria/estágio na EEFÉ-USP: *"Mais as crianças, porque eu queria ter experiência com crianças, também"*

No caso do "GYMNUSP: Escola de Ginástica", o público é caracterizado como infanto-juvenil, com a idade dos participantes variando de 6 a 15 anos. Nunomura et al.²⁴ acreditam que o trabalho com esse público deve ser desenvolvido respeitando-se a natureza do desenvolvimento peculiar a essa fase da vida, incluindo aspectos físicos, cognitivos, sócio-afetivos e motores. Dessa forma, a monitoria/estágio mostra-se um ambiente onde os conhecimentos teóricos dos alunos sobre crescimento e desenvolvimento podem ser aplicados, refletidos e discutidos.

Abertura de possibilidades para atuação futura (1.4)

A intenção de abrir um "leque de possibilidades" para o mercado de trabalho foi citada por alguns entrevistados, como S5 (*"E eu... eu queria englobar bastante a ginástica na minha aula de educação física."*) e S6 (*"Eu tô tentando, durante a graduação, experimentar de tudo um pouco, pra ver onde que eu me encaixo mais."*), dentre outros.

Em consonância com essa preocupação, ambientes de monitoria/estágio têm se mostrado um local para aprimoramento de capacidades importantes para a desenvoltura em ambiente profissional. Ontoñón Barragán et al.,¹⁹ ao estudarem o projeto de extensão em circo da UNICAMP, observaram que muitos dos monitores acabavam sendo procurados por escolas, empresas de lazer e academias, dando assim continuidade ao ensino de atividades circenses. Batista; Torres e Lopes²⁵ avaliam a participação de monitores no Grupo de Ginástica de Diamantina como "enriquecedora e de suma importância para a formação acadêmica". Para



os autores, a monitoria é uma oportunidade de vivenciar o papel de professor, assim auxiliando os estudantes a terem maior segurança para inserir a ginástica em suas aulas e aprimorarem suas práticas pedagógicas. Essa filosofia está de acordo com o estabelecido pelo FORPROEX, que defende que: "As atividades de Extensão Universitária constituem aportes decisivos à formação do estudante, seja pela ampliação do universo de referência que ensinam, seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam".²⁶

Vivência (1.5)

Monitores/estagiários que já possuíam contato com a ginástica (no caso, artística e acrobática) sentiram-se motivados a procurar pela Escola de Ginástica. Conforme o relato de S2: "*E aí, tipo, como eu já tinha mais experiência com ginástica, eu falei 'ah, vamos fazer, porque é algo que me interessa'*".

Ao ser questionada sobre o porquê de sua participação na monitoria/estágio, S3 cita a experiência como um fator determinante: "*Eu sou ginasta, sempre gostei de ginástica e meu objetivo quando formada é trabalhar só com ginástica*". Ao explicar o motivo pelo qual optou pela participação em sua primeira monitoria, "Saúde e Bem-Estar na Obesidade", S1 também remete à própria história de vida: "*A primeira, foi, que eu participei, foi a das obesas. E era a que eu queria, porque eu já fui obesa. Então eu queria participar, acho ela bem legal... é... esse incentivo à prática de atividade física...*".

Melhor compreensão da organização de aulas e atuação didática (1.6)

Outro fator que levou os graduandos a buscarem por monitoria/estágio foi a necessidade que sentiam de compreender melhor a prática profissional e o processo de elaboração e organização de aulas. Segundo S3: "*eu entrei primeiramente com essa ideia, de estar mais aproximada da prática, de ter essa experiência de... é... planejamento de aula, tudo mais.*". Preocupação semelhante é evidenciada na fala de S6: "*Mais no ganho de experiência. Porque os professores, eles reforçam que... é... a gente fica muito dentro de sala de aula. Então, quando chega na prática, a gente tá meio cru. Aí, então, eu valorizo muito a parte prática, da experiência.*". S7, por sua vez, reflete sobre a importância da monitoria como espaço onde é possível refletir sobre a própria postura profissional: "*Eu acho que as monitorias, elas são um espaço importante para você... é... não só atuar, né, você pegar o conhecimento e colocá-lo*





em prática, mas também é um espaço onde você aprende a ser professor, eu acho que isso é um processo que a graduação não dá conta, né. Especialmente na graduação no bacharelado, né. É... então você aprender a como se portar, ser professor, eu acho que as monitorias, elas cumprem essa função pedagógica."

Esse discurso evidencia uma constatação por parte dos estudantes que corrobora com a importância da experiência como defendida por Larrosa Bondía.²⁷ Para o autor, o termo “experiência” pode ser definido como “o que nos acontece”, “o que nos toca”. A experiência, nesse sentido, seria algo cada vez mais raro na sociedade, por falta de tempo: estaríamos cada vez mais informados e opinativos, mas também cada vez menos “tocados” por experiências dotadas de significado. Acreditamos que uma experiência tem a capacidade de gerar desdobramentos que levam a uma melhor compreensão e aprendizagem, de forma que a extensão universitária poderia ser vista como uma ferramenta para o aperfeiçoamento do profissional em formação.

Para o FORPROEX, “‘Sala de aula’ são todos os espaços, dentro e fora da Universidade, em que se apreende e se (re)constrói o processo histórico-social em suas múltiplas determinações e facetas”. A indissociabilidade entre extensão e ensino colocaria o estudante em uma posição de protagonista na aquisição de competências para sua futura atuação profissional e sua formação cidadã.²⁶

Além disso, a participação no planejamento e na aplicação das aulas pode estimular a criatividade do graduando. Para Alencar e Fleith,²⁸ a capacidade de criar tornou-se essencial nesta que é a sociedade do conhecimento, cabendo às instituições de ensino superior o objetivo de auxiliar no desenvolvimento do potencial criativo dos estudantes.

Aspectos financeiros (1.7)

A motivação financeira foi também presente nos discursos, sendo citada por S3 “*E também pela questão da bolsa, porque fiquei um ano sem poder trabalhar*”, S5 “*Eu tava precisando de dinheiro, tava precisando de... de fazer alguma bolsa, e... fui fazer monitoria.*” e S8 “*Oportunidade. A princi... a primeira foi quando eu entrei na EEFÉ, em 2001, porque apareceu uma oportunidade de... de ganhar um dinheiro*”.



Para o FORPROEX, o auxílio financeiro em atividades de extensão evita a evasão estudantil, principalmente de alunos de classe socioeconômica pouco elevada, que possuem dificuldade em conciliar estudo e trabalho. Além disso, as monitorias poderiam ajudar o aluno que não consegue destinar tempo suficiente aos estudos a superar suas deficiências com o conteúdo.²⁵

Necessidade de cumprir horas de estágio (1.8)

A aproximação das monitorias/estágios também se deu pela necessidade de cumprir horas obrigatórias de estágio, essenciais para a conclusão do curso. Foi o caso de S4 (*"Foi um negócio muito 'preciso de um estágio'."*), S7 (*"nesse estágio que eu tô cumprindo agora, é um estágio que ele vincula a Natação Inclusiva ao GYMNUSP. E... pra eu ser estagiário eu tive que pegar os dois cursos, né, para cumprir as 20 horas semanais."*) e S8: (*"E aí pra cumprir as horas de estágio eu fui parar na ginástica. Mas eu não vi problema nenhum, com relação a... a ir pra ginástica."*).

Interesse na modalidade (1.9)

Houve também casos de aproximação da monitoria por interesse nas modalidades gímnicas. S1 considera ginástica uma atividade prazerosa *"eu sempre gostei"*, assim como S3: *"Eu sou ginasta, sempre gostei de ginástica e meu objetivo quando formada é trabalhar só com ginástica, então... Eu vi ali oportunidade, falei 'não, vamos lá'"*. S6 e S7 possuíam curiosidade a cerca da atividade: *"pela identificação com os movimentos, eu gosto muito dos movimentos da ginástica, então eu queria aprender um pouquinho mais e... aprofundar um pouco"* (S6); *"eu sempre gostei, assim, de... da ginástica. Especialmente da ginástica artística, assim. Eu não praticava, mas eu sempre achei algo, eu sempre... despertou interesse em praticar, assim, né... sempre achava bonito os movimentos, enfim. E aí eu falei 'Ah, vai ser uma coisa interessante'"* (S7).

Percepções sobre a Monitoria em Ginástica

Uma vez participando da monitoria/estágio na Escola de Ginástica, os estudantes criaram e recriaram suas percepções sobre a ginástica e sobre o próprio ambiente de monitoria. Os pontos levantados dizem respeito à disposição necessária para cumprir com as exigências, ao processo gradual de superação do medo ao realizar ajudas e seguranças e de auxiliar durante acrobacias, à inserção no ambiente ginástico e esportivo, às características do grupo, à





percepção da atuação ao longo da monitoria/estágio e à tutoria docente. As subcategorias a respeito dessas percepções serão apresentadas a seguir:

Demandas da atuação (2.1)

As demandas oriundas de um compromisso ao mesmo tempo profissional (com hora marcada e reuniões) e prático (responsabilidade nas aulas) foi um dos tópicos levantados por alguns participantes, quando inquiridos sobre suas percepções na monitoria/estágio na Escola de Ginástica. Em entrevistas pgressas realizadas com monitores de disciplinas, os mesmos relataram que o compromisso em ensinar os ensinou a estabelecer metas, a buscar ajuda e a automonitorizar as estratégias de ensino empregadas.²⁹ Percebe-se, em ambos os casos, ganhos no campo da responsabilidade, da organização e da autonomia, explanados nos discursos de S1 e S2 respectivamente: "*Porque criança se machuca, criança vai fazer aquela coisa que você não quer que faça. Mas querendo ou não são pais que colocam as crianças na sua responsabilidade, também*"; "*Essa questão que foi o primeiro semestre que eu trabalhei pra valer. Então essa questão de horários, responsabilidade. Tipo, tinha dia que eu tava 'meu, eu tenho que vim mesmo?'. Mas não, tipo, era o trabalho, eu tinha que fazer o negócio certo.*"

Aspectos técnicos (2.2)

A qualidade do ensino de habilidades acrobáticas da ginástica depende, em grande parte, da aprendizagem correta da técnica e também da segurança dos praticantes.³⁰ A complexidade dos elementos da ginástica pareceu assustar, em um primeiro momento, os monitores/estagiários: "*então você fica muito preocupada com a segurança. Enquanto você tá fazendo a segurança de uma, a outra já caiu, porque eu sou uma só e elas são várias [risos]. Mas acho que talvez seja um pouco da modalidade em si, não sei, mas como é minha primeira experiência com criança... porque se vai assim, você vai fazer a segurança da estrelinha de uma, a outra já caiu, já. Então você tá com uma, a outra já tá no chão*" (S1).

Nas entrevistas, ficou evidente a insegurança nos primeiros encontros: como agir para a criança não cair? Onde segurar? Apesar do ganho de confiança e técnica ao longo da monitoria/estágio, parece ser interessante enfatizar o assunto em questão nas primeiras reuniões, com foco nas técnicas apropriadas para a realização da segurança e na busca por uma postura confiante e tranquila.



Questões sobre segurança e técnica também estão presentes nos relatos de S4, S7 e S8: "*foi bem difícil de... de ver as crianças realizando os movimentos, ou elas pedem um exemplo e você não consegue fazer exemplo nenhum...*" (S4); "*apesar de ser ginástica, de ter movimentos que... enfim, a gente às vezes até tem medo, assim, olhando, parece que ela vai se quebrar...*" (S7); "*E com relação a correção, tem hora que eu não tenho muita... É... Muita confiança em corrigir, não sei se eu tô fazendo certo ou não. Ainda tenho algumas dúvidas com relação a segurança, mas isso aí aos poucos vai, foi, tá diminuindo.*" (S8).

Inserção no ambiente ginástico e esportivo (2.3)

Surgiram nos relatos impressões diversas sobre o ambiente ginástico e esportivo, por vezes comparando a ginástica para todos com outras modalidades e, em especial, misturando-a em um primeiro momento com a ginástica artística. Essa confusão inicial é provavelmente reflexo de um conhecimento de ginástica gerado por meio da mídia, que notadamente privilegia as modalidades artística e rítmica de alto nível. Tal realidade, apesar de divulgar a ginástica, pode acabar criando um imaginário único para todas as manifestações gímnicas, aquele de um ginásio onde, conforme descrito por Freitas e Stigger,³⁰ o treinamento é intenso e as crianças realizam acrobacias de elevado grau estético e de complexidade.

S7 citou a vivência proporcionada além das aulas adquirida no festival de final de ano: "*Do festival também. Achei muito bacana a ideia. Porque depois disso, as meninas começaram a se dedicar muito, a ter muita vontade de fazer as... ficaram mais interessadas com a aula.*"; "*Elas se dedicaram mais, elas estavam mais interessadas em fazer as coisas na aula. Tipo, eu lembro que tinha gente que mal conseguia fazer na trave alta, mas pelo fato das amigas fazerem na trave alta, elas queriam fazer na trave alta. Preferiam... ao invés de fazer na trave baixa e fazer melhor, elas preferiam fazer na alta, porque as amigas também faziam na alta.*"

A organização de aulas e preparação física com foco na idade ampliou as possibilidades e entendimento de aulas dos monitores/estagiários: "*eu gostei muito do estilo de aula (...) que é a questão de fazer as estações, né, fazer o circuito, parte principal... trazer um aquecimento um pouco mais lúdico, fazer as crianças brincarem, fazendo uma preparação física, mas voltada pra brincadeira... Achei bem legal essa disposição da aula.* (S3)".



Não obstante, tratar com os imprevistos inerentes da prática do ensino-aprendizagem auxilia na preparação da atuação do futuro profissional, *"às vezes, no meio de uma aula também alguma coisa dá errado, e a gente tinha que... dar uma balançada e se adaptar (S6)".*

Interessante notar que para o entrevistado S7, a ginástica era de trato “complexo” e, em um primeiro momento o deixou receoso. No entanto, ao perceber que a proposta se pautava na ginástica para todos, passou a compreender uma nova modalidade que, inclusive, achou mais interessante: *"E aí depois que eu fiquei sabendo que a ginástica era pra crianças que eu falei 'Então, não deve ser isso, deve ser ginástica artística'. Aí eu já fiquei... com o pé atrás, né. Fiquei bem inseguro... eu nunca tive experiência com ginástica, apesar de gostar de ver, nunca tive a experiência, né... imagine instruir, ser professor. E... e aí depois eu descobri que era GPT [ginástica para todos], que é algo mais abrangente, que era mais interessante".*

Esta desmistificação da ginástica também aparecer para a sujeito 5, com destaque para o caráter do prazer da aula *"Elas vinham com muito prazer! Nenhuma criança vem, assim, normalmente, fazer educação física, se não gosta muito. Eu achei um brilho no olhar, falavam 'olha o que eu sei fazer'... e era muito prazeroso, isso me enriqueceu muito, e também fez eu... assim... olhar com outros olhos a ginástica e... e... como um aprendizado para mim, também."*

Características da turma (2.4)

A heterogeneidade do grupo e o contato com as crianças foram destacados por todos os monitores/estagiários, sobretudo em relação ao desafio. O projeto inclui infância e adolescência e as atividades devem atender a todas.

Ademais, a disposição para o trabalho com as crianças e a novidade em orientar crianças do sexo feminino (o projeto é aberto a todos, mas apenas meninas se matricularam), foi desafiante para S1 e S2: *"Eu achei que não fosse exigir... que as crianças não fossem me deixar tão cansada quanto elas me deixam [risos]" (S1); "eu tive um choque... das minhas... dos meus estágios, que eu fazia. Enquanto uma era o [CLUBE], que eu trabalhava com meninos... de 6 a 7 anos... Na ginástica, eu tive, eu trabalhei com meninas"(S2).*





A monitora/estagiária S3 destaca que compreendeu que em uma mesma aula é possível atender diferentes níveis de habilidades *“já desde o começo já dava, já dava pra dividir bem os grupinhos, né, de acordo com o nível de habilidade”*.

Percepção da atuação ao longo da monitoria (2.5)

No que diz respeito à atuação ao longo da monitoria, a maior parte dos estudantes alegou ter percebido sua própria evolução na monitoria/estágio. Esse achado corrobora com os encontrados por Frison,²⁹ em que universitários monitores de disciplinas perceberam-se aprendendo a medida que ensinavam. *“Tô melhorando, da primeira aula pra agora já tô mais tranquila. Primeira aula também, fazer a segurança, tipo, super medo, sabe? Agora já tá tranquilo, fiz segurança de mortal ontem. Tipo, tá tranquilo, agora tá bem melhor, mesmo”* (S1); *“Acho que nessa monitoria e em todas que eu fiz eu percebi que isso me ajudou muito a... a lidar melhor com as pessoas”* (S2); *“Foi bem difícil no começo. (...) Aí ontem eu consegui sair sorrindo, mas sorrindo mesmo, porque a aula foi incrível, a experiência foi, foi legal, a gente conseguiu sentar, eu consegui ver que eu, eu consegui enxergar realmente o que era aquela ginástica para todos, porque até então eu não tava conseguindo enxergar o que que é. E aí consegui... ter ideias, pegar um pouco da minha área de criatividade, fazer uma coisa mais, mais divertida nas aulas. Fugiu daquele medo... da qual o fundamento é muito importante, não tiro a total noção, mas saiu daquele medo do... 'e agora, como é que eu seguro?', 'e agora, eu não sei fazer' mas: 'como que a gente vai conseguir lidar?’”* (S4).

Batista; Torres e Lopes²⁵ também observaram desenvolvimento e aprimoramento das práticas pedagógicas em monitores de ginástica geral (ginástica para todos). Esses achados confirmam a importância da monitoria/estágio no aperfeiçoamento do graduando por meio da prática. Importante ressaltar que os alunos compreenderam que a aprendizagem leva tempo e não é tão imediata, por exemplo: *“No outro semestre eu tava bem perdida, assim. (...) Nesse semestre a gente já aprendeu um pouquinho mais, como faz a segurança correta, e eu tô me sentindo até mais confiante (S6)”*; *“Então também acho que a experiência prática de a cada aula vivenciar aquilo, de saber como instruir, como lidar com a situação acho que foi me dando mais segurança, e eu tô gostando bastante, assim, do curso”* (S7); *“As aulas estão ficando mais fáceis de, de dar, conforme vai passando o tempo vai aprendendo, vai perdendo*



um pouco do medo, você vai ficando mais confiante, vai... E eu, eu sempre gostei de fazer, então de vez em quando eu meto as caras e vou tentar fazer" (S8).

Tutoria docente (2.6)

A tutoria docente foi considerada pelos estudantes parte importante de sua evolução na monitoria/estágio. Os mesmos citaram diferentes momentos em que a atuação da docente responsável auxiliou no ganho de conhecimento e na resolução de problemas. Os monitores de disciplinas entrevistados em artigo de Frison²⁹ corroboraram com essa visão, relatando estarem envolvidos em debates, pesquisas e encontros sistemáticos com o professor orientador, de forma ainda reforçar a importância do professor como uma espécie de guia para o desenvolvimento do estudante no ambiente prático e “aberto” da monitoria.

Segundo S2: *"tinha muita diferença porque, nessa monitoria do [CLUBE] eu não tinha ninguém pra... pra mandar em mim, tipo, pra fazer e coordenar as atividades. Então era eu que tinha que coordenar (...) com a [PROFESSORA] eu tinha um guia melhor, tipo, ela me ajudava em algumas coisas. Ela inclusive me ajudou em algumas coisas nesse, no outro estágio. E, tipo, ela passava uma experiência, tipo, ela me ajudava muito a como lidar com criança, com, tipo... lidar... E eu gostei muito disso."; "Eu acho que... outra situação que foi uma situação difícil foi quando a... [ALUNA] machucou quando tava fazendo o exercício, lá, do cavalo. Tipo, a [PROFESSORA] conseguiu lidar muito bem com isso, que foi um problema incrível. Tipo, as mães tavam com medo... daquele exercício. Não queriam que a [MONITORA] tivesse junto com as crianças (...) Ela conseguiu lidar muito bem, tipo, falando pras mães pra não se preocupar, ter calma".*

O trabalho colaborativo foi elencado pelos monitores/estagiários, o que demonstra que nas tutorias é possível a efetivação de trabalhos em grupo: *"o pessoal que tá junto, a gente se ajuda muito, passa muito a segurança um no outro, e a gente consegue, começa a trabalhar em cima disso" (S8).*

As parcerias transcenderam aspectos técnicos de aula, pois parece ter havido a reafirmação de que todos são capazes de aprender e lidar com o novo: *"eu fui criada numa frase que até, hoje eu acho ela muito feia, mas minha mãe sempre repetiu pra mim 'se pront- faça aquilo que você sabe fazer', 'se prontifique a fazer o que você sabe fazer', 'não vem querer se meter em lugar que você não sabe fazer' (...) Então eu tava ali num lugar onde que-que-eu-tô- fazendo-aqui, ocupando o lugar de alguém que sabe, que poderia estar fazendo aqui muito melhor que eu, e eu tava lá. Então, eu até falei com o [EDUCADOR FÍSICO], '[EDUCADOR FÍSICO], eu não consigo, porque isso pra mim já é fechado' e ele 'Pera aí, pega essa frase, desmistifica*





um pouco, abre um pouco. Não é isso. Você precisa aprender'. Então foi mais tranquilo." (S4).

A tutoria efetiva com docentes mais experientes trouxe direcionamento aos monitores, e um dos grandes desafios dos projetos de extensão é que os tutores compreendam a relação entre liberdade e orientação. Parece que o projeto tem trazido um equilíbrio neste aspecto, observado no discurso de *"se a [PROFESSORA] deixasse a gente solto, eu não seria a monitora que eu sou hoje, sabe? Ela ali, em todo momento, me passava confiança que eu falava "não, eu posso", sabe? Porque se ela não estivesse ali, eu não teria, com certeza. Então eu acho que isso é muito bom, assim, dela dar liberdade, mas dela estar ali também"* (S4).

Um dos aspectos criticados, diz respeito ao início do projeto. Em fase de entendimento do próprio sistema da instituição, no primeiro semestre do projeto não se realizavam encontros semanais de leituras, discussão e preparação de aula, o que prejudicou a experiência para uma das monitoras, *"eu entrei num semestre que a monitoria tava começando ainda. Então não tinha uma linha certinha, assim. É... é... eu senti falta dessa questão de fazer um planejamento em conjunto"* (S3). Atualmente, a monitoria/estágio conta com reuniões semanais para elaboração e discussão de aulas e temas relacionados à ginástica para todos e demais questões práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvidas de que a universidade deva primar pelo tripé ensino-pesquisa-extensão, no entanto, por vezes, a extensão é renegada a um menor grau de importância.²³ Talvez, uma das maneiras de mudar esse quadro é justamente apontarmos os benefícios e indicar a sua efetiva contribuição para a formação profissional.

O FORPROEX²⁶ indica que integrar alunos de pós-graduação nos trabalhos extensionistas pode-se elevar a produção do conhecimento (seja no formato de teses, dissertações, artigos, capítulos de livros) e, por sua vez, elevar as possibilidades de defesa da extensão universitária. Este artigo é um bom exemplo disso, pois a mestranda – primeira autora do trabalho – foi monitora do projeto durante a graduação e o acompanha até os dias atuais.

Segundo o documento citado, para ofertar atividade com qualidade para a formação do estudante os projetos devem ter uma tutoria efetiva, objetivos claros, visar competências a





serem adquiridas, boa organização e metodologia de avaliação da participação do estudante. O projeto “GYMNUSP: Escola de Ginástica” parece atender bem aos dois primeiros princípios, mas ainda carece de alguns ajustes específicos sobre o acompanhamento das atividades de tutoria.

REFERÊNCIAS

¹RIBEIRO, Adelia Miglievich; MATIAS, Glauber Rabelo. *A universidade necessária* em Darcy Ribeiro: notas sobre um pensamento utópico. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 42, n. 3, p. 199-205, 2006.

²UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. **A PRCEU**. Disponível em: <<http://prceu.usp.br/institucional/>>. Acesso em: 08 abr. 2016.

³BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

⁴MENDONÇA, A.W. A universidade no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 131-194, 2000.

⁵AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

⁶CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

⁷VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e; NOVAES, Fernando A. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

⁸AZEVEDO, Fernando de. **A Educação na encruzilhada: problemas e discussões**. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

⁹CALDERÓN, Adolfo Ignacio. Universidades mercantis: a institucionalização do mercado universitário em questão. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, 2000.



¹⁰SAMPAIO, Jorge Hamilton. Extensão universitária como um dos sentidos necessários para a articulação da indissociabilidade na construção do currículo. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; NAVES, Marisa Lomônaco. (Org.). **Currículo e avaliação na educação superior**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2005.

¹¹ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1., 1987, Brasília. **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>> Acesso em: mar. 2012.

¹²FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012.

¹³FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO (FORPROEX). Extensão universitária. 2010. Disponível em: http://www.iri.usp.br/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=252&Itemid=105. Acesso em: 08 abr. 2016.

¹⁴ROCHA, B. **Análise da tríplice ensino-pesquisa-extensão**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

¹⁵RUSSELL, Keith; KINSMAN, Tom. **Coaching certification manual: introductory gymnastics**. Ontario: Canadian Gymnastics Federation, 1986.

¹⁶BRATIFISCHE, Sandra Aparecida; CARBINATTO, Michele Viviene. Inovação e criação de materiais: em busca da originalidade na ginástica para todos. In: MIRANDA, Rita de Cassia Fernandes; EHRENBURG, Mônica Caldas; BRATIFISCHE, Sandra Aparecida. **Temas emergentes de pesquisa em ginástica para todos**. Jundiaí: Fontoura, 2016.

¹⁷KNELLER, George F. **Arte e ciência da criatividade**. São Paulo: IBRASA, 1973.





¹⁸TOLEDO, Eliana; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; CARBINATTO, Michele Viviene. Fundamentos da ginástica para todos. In: NUNOMURA, Mirian. (Org.). **Fundamentos da ginástica**. 2. ed. Jundiaí: Fontoura, 2016. p. 12-40.

¹⁹ONTOÑÓN BARRAGÁN, Teresa et al. O papel da extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica sobre as atividades circenses. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 42-55, 2016.

²⁰NUNOMURA, Mirian; OLIVEIRA, Mauricio Santos. O perfil, as motivações e os desafios dos técnicos de ginástica artística no Brasil. In: SCHIAVON, Laurita Marconi; BORTOLETO, Marco Antônio Coelho; NUNOMURA, Mirian; TOLEDO, Eliana de. (Org.). **Ginástica de alto rendimento**. Várzea Paulista: Fontoura, 2014. p. 65-87.

²¹WERTHNER, P.; TRUDEL, P. A new theoretical perspective for understanding how coaches learn to coach. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 20, n. 2, p. 198-212, 2006.

²²SCHIAVON, Laurita Marconi et al. Análise da formação e atualização dos técnicos de ginástica artística do Estado de São Paulo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 618-635, jul./set. 2014.

²³ARAÚJO, C. M. **Implicações dos projetos de extensão universitária para a formação do professor de educação física**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2014.

²⁴NUNOMURA, Mirian; CARRARA, Paulo Daniel Sabino; CARBINATTO, Michele Viviene. Ginástica artística competitiva: considerações sobre o desenvolvimento dos ginastas. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 503-514, 2009.

²⁵BATISTA, M. S.; TORRES, A. L.; LOPES, P. Monitoria no Grupo de Ginástica de Diamantina: a experiência do ensinar a ginástica. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 7., 2014, Campinas. **Anais...** Campinas: FEF-UNICAMP, 2014. p. 353-357.



²⁶FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular**: uma visão da extensão. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Brasília: MEC/SESu, 2006.

²⁷LARROSA BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DE CAMPINAS, 1., 2001, Campinas. **Conferência...** Campinas, IEL-UNICAMP, 2001. (tradução).

²⁸ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de; FLEITH, Denise de Souza. Criatividade na educação superior: fatores inibidores. **Avaliação**: revista de avaliação do ensino superior, Sorocaba, v. 15, n. 2, p. 201-206, 2010.

²⁹FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Monitoria: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. **Pro-Posições**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 133-153, 2016.

³⁰ARAÚJO, Carlos M. R. **Manual de ajudas em ginástica**. 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2012.

³¹FREITAS, Maitê Venuto de; STIGGER, Marco Paulo. A formação de crianças para o esporte de alto rendimento: sobre ‘manobras’ e diferentes apropriações dos treinos. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 81-91, 2016.